



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12697 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT17 - Filosofia da Educação

### IGNORÂNCIA E ESCRITA EM GILLES DELEUZE

Christian Fernando Ribeiro Guimarães Vinci - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

### IGNORÂNCIA E ESCRITA EM GILLES DELEUZE

**Resumo:** Esse ensaio se debruçará sobre a noção de ignorância em Gilles Deleuze, compreendida pelo filósofo francês como o único estado a partir do qual somos compelidos a escrever e, no limite, pensar. A relação entre escrita e ignorância, tal qual postulada no prólogo de *Diferença e Repetição*, apresentar-se-ia como algo “ameaçador”, uma vez que colocaria em questão tanto os saberes constituídos quanto a noção de problema legada por certa tradição ocidental de pensamento. Revisitar a noção de ignorância, acreditamos, forneceria uma outra via de acesso às discussões deleuzianas sobre o ato de aprender, possibilitando articular tal conceito com outros significativos do corpus deleuziano e deleuzo-guattariano, tais como os de experimentação e vitalismo. Conforme pesquisas recentes, defendemos que há uma dimensão pedagógica no interior do pensamento deleuziano, expressa sobretudo na construção de uma sensibilidade filosófica que norteou sua prática docente, que não pode ser desconsiderada, e que passa por uma espécie de política da amizade.

**Palavras-chave:** Gilles Deleuze. Ignorância. Escrita. Problema.

Esse ensaio pretende discutir a noção deleuziana de ignorância, atentando para a sua articulação com certa ideia de escrita e, ainda, com a discussão promovidas pelo filósofo em torno da temática do aprender. Em seu prólogo à *Diferença e Repetição*, Gilles Deleuze (1988) sentenciou só ser possível escrever sobre aquilo que não se sabe ou que se sabe mal.

Conforme pontuou o filósofo:

Como escrever senão sobre aquilo que não se sabe ou que se sabe mal? É necessariamente neste que imaginamos ter algo a dizer. Só escrevemos na extremidade de nosso próprio saber, nesta ponta extrema que separa nosso saber e nossa ignorância *e que transforma um no outro*. É só desse modo que somos determinados a escrever. Suprir a ignorância é transferir a escrita para depois, ou melhor, torná-la impossível. Talvez tenhamos aí, entre a escrita e a ignorância, uma relação ainda mais ameaçadora que a relação geralmente apontada entre a escrita e a morte, entre a escrita e o silêncio. (DELEUZE, 1988, p. 18, grifos do autor)

Conforme excerto acima transcrito, percebemos o modo como Deleuze se afasta de certas discussões envolvendo a escrita, tal qual aquela que a aproxima de certo ato mortífero ao escrevente (BLANCHOT, 2005), e a aproxima de uma outra visão que, acreditamos, seria de ordem mais vitalista. A escrita, em um diapasão deleuziano, não representaria um pensamento pregresso, não buscaria, por conseguinte, dar forma a saberes previamente determinados. O saber, por conseguinte, não seria nunca da ordem de um conhecimento já formatado, mas resultado de um processo iniciado ao nos afastarmos do usualmente conhecido. Ora, nesse sentido, justifica-se a máxima deleuziana sobre a dificuldade em dizermos como alguém aprende de fato:

Eis porque é tão difícil dizer como alguém aprende: há uma familiaridade prática, inata ou adquirida, com os signos, que faz de toda educação alguma coisa amorosa, mas também mortal. Nada aprendemos com aquele que nos diz: faça como eu. Nossos únicos mestres são aqueles que nos dizem “faça comigo” e que, em vez de nos propor gestos a serem reproduzidos, sabem emitir signos a serem desenvolvidos no heterogêneo. (...) Aprender é constituir este espaço do encontro com signos, espaço em que os pontos relevantes se retomam uns nos outros e em que a repetição se forma ao mesmo tempo que se disfarça. (DELEUZE, 1988, p. 48-9)

Julgamos o aprendizado alheio, para Deleuze, sempre a partir de critérios de ordem mimética, ou seja, sempre avaliando o quanto uma determinada resposta a um determinado problema pré-determinado replica respostas alheias ou cria respostas a partir de critérios há muito estabelecidos. Ora, por esse motivo, não apenas deixamos de inventar outras soluções possíveis para problemas que há muito nos afligem, como também ficamos impedidos de criar outros problemas. Para aprender, entendemos, precisamos criar esse espaço de encontro com signos sensíveis, algo passível apenas por meio do abandono de saberes previamente constituídos na passagem para um estado de ignorância, algo que, por algum motivo, para Deleuze ao menos, passa pela relação com o ato de escrever.

Nesse sentido, escrita e ignorância seriam espécie de pares complementares, sendo impossível dissociá-las. Assim como não possuímos uma predisposição inata ao exercício do pensamento, passamos a pensar apenas quando de um encontro violento com um signo

sensível (DELEUZE, 2010), tampouco escrevemos impelidos por alguma vontade pregressa, mas somente quando tomados por uma urgência vital que nos arrasta para searas desconhecidas. A ignorância, tal qual os signos sensíveis para o pensamento, parece assumir um papel de disparador da escrita, mas tal correlação ainda está para ser construída e sustentada. Ainda que, para diversos comentadores do corpus deleuziano (KOHAN, 2002; GALLO, 2002), escrita e pensamento sejam tomados como conceitos próximos, ambos não se confundem. Acreditamos, entretanto, que a relação entre escrita e pensamento em Deleuze seria algo orgânico, sendo possível intercambiar ambas as noções – visto que ambas apontam para um mesmo processo, qual seja: a experimentação vital. Escrita e devir, sentenciou certa feita Deleuze (2007), seriam inseparáveis, tal qual a experimentação e pensamento (DELEUZE; GUATTARI, 1992), tanto a escrita quanto o pensar, por seu turno, não ocorrem de maneira voluntária, mas são instâncias que acionamos quando impelidos por algum encontro vital, por alguma urgência (DELEUZE, 1985). Essa intrincada trama, ainda a ser explorada, nos abre para pensar um certo elemento vitalista caro ao pensamento de Deleuze.

Se padecemos da escrita, isso se deve para transmutar os valores e saberes instituídos de véspera em elementos estranhos, procedendo com uma crítica que transmute esse corpus de conhecimentos enrijecidos em ignorância. Se a crítica, como notaram certa feita Deleuze e Guattari (2014), serve para produzir uma desterritorialização do mundo, tal desterritorialização não deve ser deixada de ser compreendida como um esforço para atingir um estado de ignorância, único ponto no qual escrever se torna possível, único ponto a partir do qual podemos experimentar criar outras formas de pensar e, no limite, viver.

Procuraremos, com esse ensaio, apresentar os prolegômenos dessa pesquisa que se encontra em sua fase inicial, apresentando a intrincada relação entre pensamento e escrita no corpus deleuziana e sua conexão com certa ideia de ignorância e aprendizagem. Compreendemos que, em Deleuze, toda forma de aprendizado porta uma dimensão estética que implica o encontro com signos sensíveis responsáveis por, de uma forma ou outra, embaralham e/ou confundem aquele que experimenta tal encontro, exigindo-lhe criar outros critérios de inteligibilidade para processar esse encontro. De algum modo, defendemos, esse encontro nos conduz a uma região de ignorância, por nos afastar da cadeia cotidiana de perguntas e repostas sempre previamente definidas. Proceder com essa análise, por seu turno, possibilitaria problematizar certas balizas epistêmicas que costumeiramente norteiam a nossa prática pedagógica, mormente aquelas que pensam o ato de aprender a partir de um certo mimetismo e que tomam o lugar docente como um polo irradiador de saber. Antes, seguindo leituras presentes hoje no campo educacional (AQUINO, 2014), o professor seria uma espécie de companhia, em uma relação que, para operar a contento, exige certa horizontalidade para permitir deslocamentos tanto naquele que ensina quanto naquele que aprende. Nesse diapasão, o aprendizado ocorre de maneira conjunta, quando ambos atingem aquela dita zona de ignorância, e, a partir daí, uma outra relação pedagógica surge: aquela da amizade.

## Referências Bibliográficas

AQUINO, Júlio Groppa. **Da Autoridade Pedagógica à Amizade Intelectual** : uma plataforma para éthos docente. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

BLANCHOT, Maurice. **O Livro por Vir**. Trad. Leyla Perrone-Moises. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Cinema**: imagem-movimento. Trad. Stela Senra. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Trad. Peter Pal Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2007.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Trad. Roberto Machado e Luiz B. Orlandi. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os Signos**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Gen, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Trad. Cintia Vieira. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Trad. de Bento Prado Jr. São Paulo: Editora 34, 1992.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2002

KOHAN, Walter. "Entre Deleuze e a educação: notas para uma política do pensamento". In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.27, n.2, p. 123-130, jul-dez. 2002.